EMBORNAL
Revista da Associação Nacional de História - Seção Ceará

Entre a paixão e a injúria racial: o racismo e o futebol brasileiro.

Luiz Carlos da Costa Lima[1]
Gleidiane de Sousa Ferreira[2]

RESUMO: O racismo no futebol tem sido um tema muito atual no mundo inteiro. Os recentes casos contra jogadores negros, principalmente brasileiros, têm trazido à tona uma discussão que é preciso ser enfrentada. Procurar dar historicidade ao racismo no futebol brasileiro e ao mesmo tempo à integração do negro nesse esporte, que convive com a ambiguidade de ser uma paixão nacional e ao mesmo tempo ser espaço para injúrias raciais contra essa população, é uma forma de compreendermos as relações e hierarquias raciais e sociais existentes no país. Neste artigo, discutiremos algumas experiências relacionadas a ser um jogador negro no Brasil, apresentando sua ascensão diante da propagação da "democracia racial" em meados do século XX, e o problema que essa teoria trouxe para a comunidade negra brasileira, bem como características que se colocam até os dias atuais. Finalmente, abordaremos como o racismo estrutural constrói as relações sociais do Brasil, e como isso se expressa fortemente no contexto do futebol.

PALAVRAS-CHAVE: Racismo; Futebol; Democracia racial; Jogador negro; Brasil.

ABSTRACT: Racism in football has been a very current topic throughout the world. The recent cases against black players, especially Brazilians, have brought to light a discussion that needs to be addressed. Seeking to give historicity to racism in Brazilian football and at the same time to the integration of black people in this sport, which lives with the ambiguity of being a national passion and at the same time being a space for racial insults against this population, is a way of understanding the relationships and racial and social hierarchies existing in the country. In this article, we will discuss some experiences related to being a black player in Brazil, presenting his rise in the face of the spread of "racial democracy" in the mid-20th century, and the problem that this theory brought to the Brazilian black community, as well as characteristics that continue to this day. Finally, we will address how structural racism builds social relations in Brazil, and how this is strongly expressed in the context of football.

KEYWORDS: Racism; Soccer; Racial democracy; Black player; Brazil.

INTRODUÇÃO

O futebol brasileiro se destaca no mundo por inúmeros motivos. Dentre eles, temos a consagração de sermos pentacampeões mundiais no futebol masculino. Outra questão de destaque é a miscigenação destacada nos distintos tons de pele dos atletas

---

[1] Graduando em História pela Universidade estadual Vale do Acaraú.
[2] Professora do Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). É líder do Grupo de Estudo e Pesquisa História, Gênero e América Latina – GEHGAL.

brasileiros, causando uma peculiaridade em relação à outras seleções mundiais, o que geralmente deixa evidente a etnia predominante de seu país. No Brasil há uma mistura evidente, vindo da combinação de diversas etnias que povoaram essas terras aos longos dos cinco séculos passados, e que apesar de marcadas por genocídio, escravização e outros tipos de violência, compuseram a construção da população brasileira. Considerando essas questões iniciais, entendemos neste artigo que o futebol se constituiu historicamente como um dos principais meios de interação interracial no país.

O fato é que o futebol realmente dispõe dessa “mistura” de pessoas de diferentes etnias e classes sociais, mas isso nem sempre foi assim. Essa mistura, no entanto, não significa a ausência de preconceitos e hierarquias étnico-raciais, isto é, ela não é sinônimo de igualdade. Por isso, a ideia de “democracia racial”[3], construída por Gilberto Freyre, acabou servindo como instrumento de camuflagem das desigualdades raciais e das lutas sociais da comunidade negra no Brasil, assim como favoreceu o equilíbrio do racismo estrutural vigente em nossa pátria. Racismo esse que se inseriu no futebol desde sua origem até os dias atuais, se modelando e reestruturando de acordo com o tempo e a necessidade para se manter vivo dentro de uma sociedade que protege os interesses da elite branca.

O racismo no futebol brasileiro esteve inserido desde as primeiras atividades referentes ao esporte, em 1894, quando nascia seis anos após a abolição da escravatura[4], momento em que era praticado apenas por homens brancos da elite paulistana, e posteriormente, da elite de outros estados brasileiros. O futebol de exclusão foi aos poucos rompido pelo talento dos negros na prática do esporte, mas é importante sabermos que, mesmo antes dos jogadores negros entrarem no universo do futebol dos brancos, eles já possuíam suas próprias competições, nos campos de várzea, à margem da cidade, demonstrando um ato de resistência contra as normas ditadas pelo separatismo racial e social.

Com o passar dos anos o racismo foi tomando novas caras no meio do futebol. É possível destacar que não ficou apenas no universo profissional, afinal de contas, trata-

---

[3] Ideia defendida pelo referido sociólogo, na busca de uma identidade nacional no contexto da Era Vargas. Defendia que a melhor face do brasileiro é a miscigenação do povo, utilizando a ascensão do negro no futebol para legitimar a sua tese.

[4] LUCCAS, Nicolau Alexandre. **Futebol e torcidas**: um estudo psicanalítico sobre o vínculo social. 1998. Dissertação de mestrado. PUC – São Paulo. 1998., p. 37.

se de um problema estrutural da sociedade brasileira, ou seja, o futebol amador também se tornou (e se torna palco) para a propagação de injúrias tanto pela classe social, como pela origem étnico-racial. Essas questões podem ser observadas também no contexto atual, em que um universo complexo, que camufla o racismo velado são as "brincadeiras" de mau gosto, enraizadas em diferentes formas de convívio cotidiano, e que expressam novas camadas de discriminações, como as: xenofóbicas, por alguém ser considerando inferior por morar em zona rural ou quilombo; ou como: financeira, por ser pobre e morar em área sob o controle da elite, ou como: educacional, por ser analfabeto, e não estar inserido em determinados locais que possam elevar sua condição social. E por fim, como: étnica, por ser considerado inferior apenas pela ascendência africana.

Para discutir a complexidade do racismo no Brasil, foi preciso consultar uma vasta bibliografia a respeito tanto das questões teóricas que estudam a origem e a permeação do racismo no Brasil, bem como as diferentes formas de discutir a inserção do negro na sociedade, como por exemplo, a visão da "democracia racial" de Gilberto Freyre, Mário Filho e Nelson Rodrigues, e as reflexões críticas elaboradas por Florestan Fernandes, que argumentava que a democracia racial era um "mito" e que a propagação da miscigenação como fator positivo acabava criando uma cortina de fumaça sobre os reais problemas da comunidade negra no Brasil[5]. Nos apropriamos também, de uma bibliografia que discute o futebol em si e sua configuração na estrutura social brasileira, que analisa as origens, as ligações com seus estados, paixões, lutas, proximidades com as questões de identidade, e a própria explicação do que seria esse "país do futebol". A obra de Mário Filho, intitulado "O negro no foot-ball brasileiro"[6] é uma das grandes fontes teóricas para a compreensão do surgimento do futebol no Brasil e da inserção do negro nesse universo.

Para além dessas reflexões, traremos também algumas observações sobre o Brasil que vem de baixo, que sob a ótica desse esporte, se refere ao futebol amador. Longe dos holofotes da grande mídia, onde o homem negro e pobre se sente acuado diante da estrutura social e racista que o oprime, experimentando, muitas vezes, no

[5] Discussão feita em sua obra "A integração do negro na sociedade de classes" publicada em 1965.
[6] FILHO, Mário. **O negro no foot-ball brasileiro.** Rio de Janeiro: Irmão Pongetti Editores, 1947.

futebol amador, outras relações com o esporte. As teses e artigos que estudam esse tema nos serviram de base para desenvolver essa temática em nosso texto. Como exemplo, traremos de forma breve as experiências de uma equipe de futebol natural de um quilombo que fica no interior do Ceará, mais precisamente no município de Pacujá. O *Quilombo do Batoque* tem um time de futebol amador chamado Botafogo, que atua desde os anos de 1970. O referido time é objeto de estudo em pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso que está ainda em desenvolvimento no curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú, e por isso, não traremos muitos aprofundamentos. No entanto, acreditamos que mencionar, mesmo que rapidamente, sua experiência neste artigo, será elucidativo nessa reflexão sobre a historicidade do negro no futebol.

AS DIFICULDADES PARA A ASCENSÃO DO NEGRO NO FUTEBOL

O jornalista Mário Filho é um dos grandes personagens brasileiros que estudou a integração do negro no futebol da elite. O seu livro "O negro do foot-ball brasileiro", publicado em 1947, narra com muita precisão a origem de cada equipe no Rio de Janeiro na virada do século XIX para o XX, onde surgiram praticamente todas as tradicionais equipes que existem até hoje. A diferença para os dias atuais é que o futebol não era exatamente o esporte principal da época. A canoagem e outros esportes de elite é que vigoravam nos clubes de regatas. Ao vir da Inglaterra, o esporte se popularizou rapidamente em terras tupiniquins, ocupando o espaço de outros, mas até então de forma amadora e principalmente praticado no sudeste do Brasil por membros da elite carioca e paulistana. O negro teve sua presença em alguns clubes nesse período. Em São Paulo há relatos da Ponte Preta, que já em 1900 a 1904 teve o atleta/fundador Miguel do Carmo em seu plantel, e no Rio de Janeiro, o Clube do Bangu, que em amistoso contra o Fluminense, que era um pomposo time de elite, colocou o negro Francisco Carregal para jogar, ajudando o Bangu a vencer a partida por 05 a 03, assim dando início à tímida, mas competente presença do negro nas partidas de futebol da elite carioca.

Esse era o período do racismo de exclusão, onde a forma mais explícita era o fato do negro não poder jogar futebol nas ligas criadas pela elite. O que reflete diretamente sobre o que era a construção social da sociedade brasileira da época, que estava

submersa na ótica da teoria da supremacia branca, que colocava o negro como um ser racionalmente inferior. Essa concepção, que hoje é vista como algo atroz, foi um dos grandes fundamentos da desigualdade social no Brasil. E o futebol estava lá, bem no meio do olho do furacão. Um esporte que se expandia rapidamente em todo território nacional, explicitando, ao mesmo tempo, as divisões de raça e classe.

Em Porto Alegre, por exemplo, os negros não podiam atuar na liga oficial da sociedade rio-grandense, e por isso criaram sua própria liga, que se intitulava: Liga Nacional de Futebol Porto Alegrense (LNFPA), que recebeu o nome pejorativo de "Liga das canelas pretas"[7], que até hoje recebe homenagens daqueles que entendem a existência dessa liga como um ato de resistência.

Figura 01: *Cruzeirinho de Novo Hamburgo, um dos times que participou da liga das canelas pretas*.



Fonte: El País Brasil

Como podemos perceber na imagem, que registra uma das equipes que participaram da "Liga das canelas pretas", no caso, o Cruzeirinho de Novo Hamburgo. Uma equipe composta 100% por pessoas negras, tanto os atletas como a comissão técnica, e dirigentes. Uma composição de equipe inimaginável nas ligas das elites brasileiras da época.

Além das ligas e competições realizadas pelos negros, existiam alguns times no Brasil de origem mais popular que passaram a integrar os negros em suas equipes como:

[7]Reportagem do El País, em 09 de Dezembro de 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/22/deportes/1574455123_874259.html

Corinthians, Vasco, além dos já citados, Ponte Preta e Bangu. O Vasco foi o primeiro time campeão carioca com negros no elenco, em 1923. O Corinthians, em São Paulo, foi um clube ligado aos operários da zona leste, e essa aproximação com trabalhadores trouxe ao time duas marcas: a fama de ser um time do povo e o primeiro da capital paulistana a aceitar negros em sua equipe.

O fato é que as humilhações eram frequentes dentro desses ambientes elitizados. Os negros não eram bem vindos nos salões sociais dos clubes, mas, de vez em quando, acontecia de ter a presença de algum jogador negro. A partir desse momento inicia-se um debate sobre a necessidade de profissionalização desse esporte. Por ironia, os clubes elitistas como o fluminense eram a favor de que tornasse o esporte algo profissional, mas aqui cabe uma reflexão, porque se queria tornar também o jogador negro um profissional do futebol, já que os excluíam? A questão é que havia uma visão estratégica aqui, pois os jogadores negros brasileiros já estavam deixando o Brasil para jogar no exterior, por exemplo, nomes como Leônidas da Silva, Arthur Friedenreich, Domingos da Guia, para citar alguns. Também ao profissionalizar o jogador negro ele passaria a ser um funcionário do clube e teria que obedecer todas as normas que viessem dos diretores, mesmo que fossem de caráter de exclusão ou discriminatório[8].

Figura 02: *Leônidas da Silva e sua principal criação, a bicicleta, na Copa de 1938, na França*.



Fonte: Revista eletrônica Placar / (Reprodução Veja)

[8] FERREIRA, Jacilene Cruz. **A discriminação racial no futebol brasileiro**. 2020. 61 p. Trabakho de conclusão de curso. Universidade de Taubaté. São Paulo. 2020.

Além da utilização do negro como profissional, o futebol passou por um período de grande ascensão no país, justamente por causa das atuações majestosas dos atletas brasileiros nas competições internacionais, com destaque para o já citado: Leônidas da Silva, um jogador brasileiro, descendente de escravizados, e que recebeu o apelido de Diamante Negro. A imagem anterior é o registro de uma de suas atuações em contexto internacional. Nomes como o dele, Domingos da Guia e outros, fizeram com que a imprensa brasileira passasse a propagá-los como grandes heróis nacionais. E um dos motivos dessa celebração foi justamente por terem se tornado instrumentos de legitimação da teoria da "democracia racial" defendida por Gilberto Freyre. Ele defendia que o Brasil verdadeiro era o miscigenado, que a junção do sangue do povo que aqui habitava fazia do Brasil um país único, e o fato de os jogadores "mulatos" estarem brilhando no futebol era a prova disso. Essa percepção ficou tão forte no país que o presidente Getúlio Vargas passou a importar essa imagem para o mundo através do cinema e do futebol. Mário Filho, por exemplo, não reconhecia de prontidão a existência explícita do racismo em nosso país, para ele isso era algo superado, pelo menos no universo do futebol. O autor dizia que:

> Branco, mulato ou preto. Porque em foot-ball não havia mais nem o mais leve vislumbre de racismo. E quem está na geral, na arquibancada, pertence à mesma multidão. A paixão do povo tinha de ser como o povo, de todas as cores, de todas as condições sociais. O preto igual ao branco, o pobre igual ao rico[9].

Os jornalistas como podem observar, eram um dos propagadores da ideia de democracia racial no Brasil, onde o futebol era visto como um instrumento de poder que fazia as classes se igualarem, onde a união por uma só equipe ou um só objetivo fazia todos felizes e unidos ao mesmo tempo. Essa química era potencializada quando se ganhava contornos de "paixão nacional", ou seja, quando se tratava da seleção brasileira. Segundo Filho, essa mesma concepção esteve inserida nas palavras de artigos publicados por Gilberto Freyre, como o famoso texto do "Foot-ball Mulato", de 1938[10], onde ele exaltava a forma de jogar dos jogadores brasileiros mulatos, em detrimentos

[9] FILHO, Mário. **O negro no foot-ball brasileiro.** Rio de Janeiro: Irmão Pongetti Editores, 1947, p 293.
[10] Artigo publicado no Diário de Pernambuco. Publicado em 17 de Junho de 1938. Dsiponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_11&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.br&pagfis=29316

dos ingleses brancos. Freyre fazia uma crítica direta à diplomacia brasileira que impedia que os atletas negros representassem o Brasil no exterior, devido à politica de branqueamento desse período, que exemplificava o racismo vigente no período das primeiras décadas do século XX. Além disso, ele exaltava a nomeação de um negro, no caso, Nilo Peçanha, que passou a representar o Brasil diplomaticamente, e que mudou essa política de exclusão, permitindo que os jogadores negros pudessem fazer parte da seleção brasileira e assim serem reverenciados pelo mundo inteiro.

Freyre, em suas publicações de jornais, como na coluna do Dário de Pernambuco, onde ele trabalhou por um longo período, sempre fazia alusão a deuses gregos, Apolo e Dionísio, para diferenciar a forma de jogar futebol entre os brasileiros e os europeus. Ele dizia que o futebol europeu era apolíneo, o que dava a entender que era um futebol racional, meticuloso e organizado simetricamente. Já referente ao futebol brasileiro, ele dizia que era dionisíaco, o que dava a entender que seria feito pela paixão e pela irreverência, no mínimo artístico e encantador, onde o jogador se utilizava das suas origens africanas para transformar a "capoeiragem" e a ginga em instrumentos para seus "dribblings" em forma de dança. Ainda segundo Freyre:

> (sic) Acaba de se definir de forma inconfundível um estylo brasileiro de foot-ball; e esse estylo é mais uma expressão do nosso mulatismo ágil em assimilar, dominar, amolecer em dansa, em curvas ou em músicas technicas europêas ou norte-americanas mais angulosas para o nosso gosto: Sejam elas de jogo ou de architectura. Porque psychologicamente ser brasileiro é ser mulato (sic) [11].

Essa propagação do brasileiro como herói no futebol tomou o mundo e a imprensa internacional rasgava elogios aos mulatos brasileiros, com suas atuações fantásticas, e o governo brasileiro se apoderou e também promoveu esse discurso para impulsionar a teoria da "democracia racial", que tinha muitos intelectuais adeptos. Dentre eles, estavam o escritor José Lins do Rêgo e o cronista Nelson Rodrigues, que em seus textos publicados em jornais da época escreviam de forma glamorosa sobre esses atletas que brilhavam nos campos brasileiros e internacionais, até que veio a copa perdida de 1950 no Brasil, o que ficou conhecido como Maracanazzo[12].

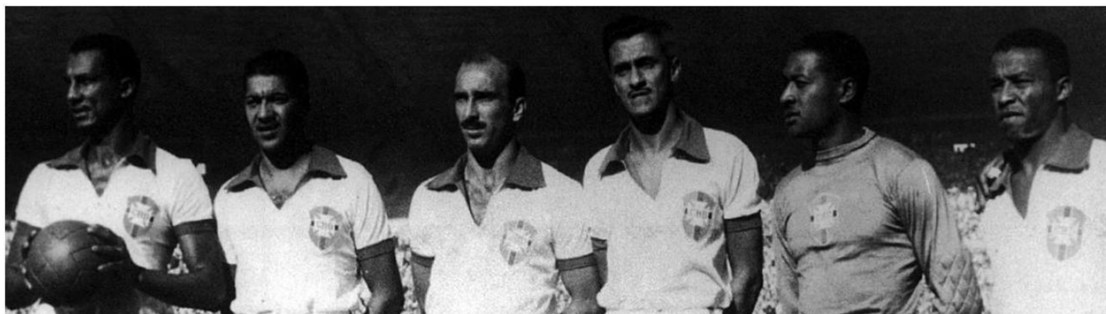
---

[11] Trecho de Artigo publicado no Diário de Pernambuco. Publicado em 17 de Junho de 1938. Dsiponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_11&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.br&pagfis=29316

[12] Esse termo é referente ao jogo da final da Copa de 1950, no novo estádio do Maracanã, no Brasil, onde o Brasil veio a perder a final para o Uruguai, e esse resultado ser explorado como uma tragédia nacional.

O Brasil sediou a Copa do mundo de 1950, num período em que o futebol era a grande propaganda nacional, um exemplo das "maravilhas" que era o Brasil tropical, terra de mulheres mulatas lindas e do samba. Um lugar onde todo mundo era feliz e praticamente não havia problemas. Essa era a visão do mundo sobre o Brasil e que perdura parcialmente até os dias atuais, como um lugar exótico que se confunde com o paraíso das luxúrias. O problema é que diante de 200 mil pessoas, a seleção brasileira perdeu a final para o Uruguai, por 02 a 01, causando um silêncio ensurdecedor no recém-construído Maracanã. O que restou à imprensa brasileira foi procurar os vilões daquele desastre, e sobrou para os três jogadores negros que estavam atuando na seleção: Juvenal, Bigode e o goleiro Barbosa, que de certa forma foi o mais criticado, isso por ser o goleiro e estar numa posição que todos consideravam de confiança, sendo justamente isso que a imprensa branca e racista dizia que faltava aos atletas negros. O goleiro Barbosa nunca mais atuou pela seleção brasileira, porém, se tornou ídolo do Vasco da Gama. "No Brasil a pena máxima é de 30 anos, eu paguei a minha vida toda por causa de uma derrota", disse o goleiro Barbosa em entrevista ao El País Brasil.[13] Na imagem abaixo temos um registro da presença desses jogadores nesse momento.

Figura O3: *Juvenal (segundo da esq. para a dir.), Barbosa e Bigode (os dois últimos da direita) com o time de 1950.*



Fonte: El País Brasil

A derrota na final da copa de 1950 colocava o jogador negro no Brasil em cheque com relação a sua capacidade de decidir jogos, quando dizia-se que o jogador negro era

[13] Matéria do El País disponível em: https://brasil.elpais.com/esportes/2020-07-16/condenados-pelo-maracanazo-absolvidos-pela-historia.html

irresponsável e frágil emocionalmente. A figura do jogador negro recebia então toda essa carga de responsabilidade, pois o colocava numa posição crucial, na qual um erro cometido significaria uma vantagem direta para o adversário. A questão é que o gol do Uruguai não significou exatamente uma falha de Barbosa, mas só o fato do gol ter se concretizado já nos últimos instantes da partida. Esse episódio fez com que o racismo impregnado na sociedade brasileira, principalmente na elite, transbordasse, respingando, inclusive, nos outros atletas negros da seleção. Até hoje a posição de goleiro, não só no Brasil, mas no mundo ocidental, ainda é ocupada por atletas majoritariamente brancos, com poucas exceções na história.

A concepção do jogador negro como um fracassado atingiu drasticamente as camadas mais pobres da população brasileira, pois a intensidade do racismo aumentou gradativamente no cotidiano dessas pessoas, de maioria negras e suburbanas. Seus heróis agora estavam em baixa e não tinham mais a capacidade de ser a visão da esperança para aqueles que viam no futebol uma maneira de mudar de vida. Até que veio a era Pelé. Um garoto negro, de 17 anos, que brilhou na copa de 1958, ajudando o Brasil a ser campeão e trazendo de novo a esperança para os brasileiros. Os jogadores negros da copa de 1958 eram: Didi, Djalma Santos, Garrincha e Pelé. Esses jogadores romperam a barreira do método apolíneo[14] do futebol europeu, que vigorava nas equipes brasileiras, isso depois do "fracasso de 50", onde responsabilizaram a maneira de jogar dos negros como responsável pela derrota.

---

[14] Como mencionado anteriormente, o termo foi utilizado por Gilberto Freyre para definir a forma racional e organizada de jogo dos europeus. Fazendo oposição ao termo, dionisíaco, também utilizado pelo autor, para se fazer a referência à maneira dos brasileiros jogarem.

Figura 04: *Seleção brasileira campeã mundial de 1958, na Suécia.*



Fonte: Portal dos jornalistas (Crédito: Agência O Globo)

A partir da era Pelé, o jogador negro brasileiro retomou seu prestígio nacionalmente, pelo menos na imprensa defensora da "democracia racial", que dialogava com as concepções de Gilberto Freyre, crítico ferrenho da forma quadrada dos europeus e enaltecedor da magia do jogador mulato brasileiro, que se reforçava fortemente na figura do menino Pelé. Em 1962, o Brasil volta a ser campeão mundial, e tem agora na imagem de outro jogador negro o caminho para a glória. Após Pelé ter se machucado, o jogador de pernas tortas, Garrincha virou protagonista da seleção na copa do Chile, mantendo assim a ideia do negro como o ser humano capaz de fazer magia com as bolas nos pés.

A SITUAÇÃO DO NEGRO NO BRASIL E O FUTEBOL COMO CORTINA DE FUMAÇA

Olhar para a situação do negro no Brasil pela perspectiva do futebol e do samba pode, realmente, causar a sensação de que esteve e está tudo bem na configuração da nossa sociedade. Esse ponto de vista provoca a percepção de que os outros âmbitos, como políticos e econômicos, não tem tanta importância para um povo que só samba, assiste e jogam futebol. Esse imaginário permeou, por muitos anos, na concepção daqueles que queriam e querem compreender o Brasil.

A narrativa da "democracia racial" foi ferreamente criticada pelo sociólogo Florestan Fernandes em seu livro "A integração do negro na sociedade de classes", publicado em 1965, que traz uma discussão a respeito da impossibilidade de uma sociedade, que em seu âmago psicossocial escravista, teria a capacidade de ser racialmente democrática. Por isso, para ele, essa teoria seria um mito. O sociólogo afirmava:

> [...] que o mito em apreço aparece como um fator de retenção do desenvolvimento da ordem social competitiva e democrática. Em vez de ser um elemento de dinamização modernizadora das relações raciais, era uma fonte de estancamento e de estagnação, solapando ou destruindo tendências e caráter inovador e democratizador nessa esfera da convivência social humana[15].

Florestan entendia que a sociedade brasileira se utilizava da venda dessa imagem de um Brasil democrático racialmente, mas que não abria mão da subserviência do homem racializado perante si, e o jogador de futebol também entrava nessa conta, afinal, com a profissionalização do mesmo, ele passou a ser uma espécie, novamente, de mercadoria para o homem branco. E isso ia muito além do futebol.

O negro no Brasil, dentro do contexto da "democracia racial", jamais recebeu incentivo de melhoria em suas vidas. Pelo contrário, perdiam cada vez mais espaço na sociedade, sendo, segundo Abdias Nascimento defende no livro "O genocídio do Negro brasileiro", publicado em 1978, um instrumento de branqueamento da sociedade através da cortina de fumaça que ajudava a criar para os problemas que assolavam a comunidade negra no Brasil.

> Situado no meio do caminho entre a casa grande e a senzala, o mulato prestou serviços importantes à classe dominante; durante a escravidão ele foi capitão-de-mato, feitor, e usado noutras tarefas de confiança dos senhores, e, mais recentemente, o erigiram como um símbolo de nossa "democracia racial". Nele se concentram as esperanças de conjurar a "ameaça racial" representada pelos africanos. E estabelecendo o tipo mulato como o primeiro degrau na escada da branquificação sistemática do povo brasileiro, ele é o marco que assinala o início da liquidação da raça negra no Brasil.[16].

Primeiro Abdias Nascimento critica abertamente a visão de Gilberto Freyre a respeito da "democracia racial" tão propagada por ele e por outros jornalistas da época.

---

[15] FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo, Contracorrente, 2021, p. 263.

[16] NASCIMENTO, Abdias**. O genocídio do negro brasileiro, processo de um racismo mascarado.** Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1978, p. 69.

Considerando praticamente um crime contra a sociedade negra e pobre do Brasil, que ficaram à mercê do Estado e escondidas atrás da cortina da espetacularização provocada pelo futebol e o samba. A partir dessa cortina, os problemas não existiriam, portanto, não precisariam ser resolvidos. O negro já estaria contente com sua condição social. Essa era a mensagem deixada por essa "festa" e pela admiração exacerbada às figuras "mulatas" do futebol dentro da teoria da "democracia racial".

A ideia de branqueamento da população brasileira buscou ser concretizada na política de importação dos europeus para o Brasil no início do século. Estes vinham para trabalhar nas fazendas de café, principalmente no Estado de São Paulo e em toda região sul do país. É possível explicar essa migração pela ótica da economia, utilizando a desculpa de estar importando mão de obra qualificada, mesmo que a população negra, ao longo de sua presença no território brasileiro, tenha se destacado pelo zelo e habilidade em todas as atividades que eram então designadas a realizarem, incluindo os plantios mais diversos. O que a historiografia não contou e Abdias Nascimento escancara em sua obra é, justamente, o fato de que a política de branqueamento ter sido sim prioridade na política brasileira.

> A predominantemente racista orientação da política imigratória foi outro instrumento básico nesse processo de embranquecer o país. A assunção prevalecente, inspirando nossas leis de imigração, considerava a população brasileira como feia e geneticamente inferior por causa da presença do sangue negro-africano. Necessitava, conforme a receita de Arthur de Gobineau (1816-1882), influente diplomata e escritor francês, "fortalecer-se com a ajuda dos valores mais altos das raças europeias" [17].

A ideia do diplomata racista era que o povo negro desapareceria da face da terra em dois séculos. Até o abolicionista Joaquim Nabuco era a favor da política de branqueamento adotada pelo governo brasileiro. Como deixa claro:

> Esse admirável movimento imigratório não concorre apenas para aumentar rapidamente, em nosso país, o coeficiente da massa ariana pura: mas também, cruzando-se e recruzando-se com a população mestiça, contribuiu para elevar, com igual rapidez, o teor ariano do nosso sangue[18].

Como pode ser observada, essa concepção de sociedade era notoriamente difundida no pensamento intelectual brasileiro, o que corrobora a fundamentação da

---

[17] NASCIMENTO, Abdias. O genocídio do negro brasileiro, processo de um racismo mascarado. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1978, p.70.

[18] (NABUCO, Joaquim. citado em NASCIMENTO, Abdias. O genocídio do negro brasileiro, processo de um racismo mascarado. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1978, p. 71).

tese de Abdias Nascimento a respeito de um genocídio do negro no Brasil por todos os meios e aspectos possíveis, como na escassez de educação, na perda de espaço na economia, no desmembramento da cultura negra com a proibição de sua música, religião e danças como a capoeira, assim como, nas políticas adotadas para "limpar as ruas", como a Lei da Vadiagem[19], que por incrível que pareça está em vigor até os dias atuais. Tudo funcionava de forma articulada para aprisionar os negros em seus pequenos mundos à margem da sociedade e os retirarem dos grandes centros urbanos. Uma configuração complexa que construiu o Brasil atual.

O futebol, e o negro como seu protagonista, pela visão de Florestan Fernandes e Abdias Nascimento, foi uma junção que funcionou de maneira cruel para ofuscar todos os problemas que envolvia a subsistência de seus semelhantes. Ela também provocava uma ideia de positividade através apenas de alguns nomes que conseguiam se destacar no mundo desse esporte, sem levar em conta todos os outros que não conseguiam tal destaque, e que continuaram sobrevivendo de forma precária nas favelas e nos bairros pobres das grandes cidades.

Toda essa discussão que envolve o negro no futebol, sua origem e a ascensão de alguns, passa pela equação estudada pelo filósofo e sociólogo Sílvio Almeida, que discute a questão de que o Brasil possui uma espécie de racismo estrutural. No seu livro: "O que é racismo estrutural?", publicado em 2018, ele aborda elementos históricos centrais que envolvem a figura do negro desde os tempos da escravização legal e a estrutura racial que se formou perante esse experiência. Segundo o autor, as ideias liberais se colocaram para o mundo como a grande forma de viver em sociedade no contexto de acensão do capitalismo. O que não se admitiu foi que esse capitalismo tinha uma base de sustentação, que era o trabalho forçado e a subjugação da vida humana. Após o fim da escravização legal, esse mesmo mundo ocidental e ocioso não quis abrir mão da estrutura de subjugação da população negra e pobre para que pudesse continuar a utópica ascensão do capitalismo e das políticas liberais, que afetaram

[19] A punição está atualmente prevista na Lei das Contravenções Penais (Decreto-Lei 3.688), assinada pelo presidente Getúlio Vargas em 1941, na ditadura do Estado Novo. A ociosidade pode custar aos vadios até três meses de prisão. A tipificação penal da vadiagem vem de uma época em que prevalecia o chamado direito penal do autor. Punia-se a pessoa pelo que ela era, não pelo que ela fazia. Esse direito penal foi depois aplicado em regimes como o fascista, o nazista e o stalinista. Na democracia, não há espaço para ele. Por isso, muitos juízes e doutrinadores entendem que a vadiagem como contravenção não foi recepcionada pelo ordenamento jurídico da Constituição de 1988 (Fonte: Agência Senado).

praticamente todos os países ligados, direta ou indiretamente, às nações europeias escravistas.

Essa percepção de construção do mundo que se estrutura no racismo coloca o jogador negro como peça fundamental dentro desse universo de exploração. O jogador negro, segundo esses autores, representa a ascensão de uma classe que não saiu nem um centímetro sequer da sua posição subalternizada na sociedade, ou seja, é uma figura que acabava ludibriando toda uma classe subjugada. Essa estrutura racial desigual é composta justamente pelas figuras que coordenam também o universo do próprio esporte. Nesse sentido, o jogador negro é uma peça de um tabuleiro de jogo de xadrez, que serve como distração da realidade, e mesmo assim, não escapa das garras do racismo através das injúrias que encontra dentro das praças esportivas.

EXEMPLOS DA ESTRUTURA RACIAL NO MUNDO DO FUTEBOL AMADOR

Não há como negar que o Brasil tem, em sua estrutura social, um povo apaixonado por futebol, e já apontamos muitos fatores aqui que nos levam à compreensão dos motivos dessa paixão. Esse gosto e ampla aceitação podem ser entendidos a partir de muitos pontos de vistas. Há quem defenda essa paixão ferrenhamente. Também há quem diga que é alheia a questão do futebol E há também aquelas pessoas que analisam essa relação de forma mais psíquica e social. O fato é que o futebol e sua relação com os brasileiros precisa sim ser pauta de uma discussão científica, para que se possa, através dele, estudar o Brasil mais profundo.

O Brasil é racista e essa afirmação vem norteando todo o texto aqui presente. Todavia, o Brasil também alimenta muitos outros preconceitos estruturais na sociedade, onde provoca muitas segregações no cotidiano brasileiro. E o futebol continua lá, no olho do furacão. Um esporte que, querendo ou não, acabou migrando também para as margens da sociedade. Sem espaço no meio social elitista, os pobres brasileiros, principalmente homens, que também aprenderam a gostar do futebol passaram a praticar em seus bairros e comunidades. O tempo passou e o futebol se enraizou na camada popular e se popularizou dentro do universo amador. Afinal de contas, aqueles que eram peças chaves no desenvolvimento industrial, no caso, os operários urbanos, e

também os homens do campo, tem por muitos anos o futebol como sua ferramenta de diversão nos fins de semana.

Poderíamos pensar que no ambiente em que se pratica o futebol amador haveria a realidade de um Brasil mais cru, isto é, que não teria camadas de camuflagem. Seria onde encontraríamos o verdadeiro apaixonado por futebol, o brasileiro mais autêntico. No entanto, percebemos que nesse ambiente amador também encontram as faces mais refletidas do racismo e de outros preconceitos que estão enraizados nos brasileiros. Em vários contextos onde se pratica o futebol amador, ficam explícitas muitas formas de discriminação: a xenofóbica, que mostra com clareza as desavenças e preconceitos dos citadinos contra os camponeses; a aporofobia, que aparece, por exemplo, nas equipes citadinas que olham para o camponês pobre e desdenha, servindo também para compreender a relação *centro* x *bairros*; e a principal, que é o racismo, que acaba se misturando num complexo sistema de preconceitos contra as pessoas do campo e especificamente dos quilombos.

Trazemos essa questão para contextualizar rapidamente as questões que estão sendo observados em uma pesquisa, ainda em desenvolvimento, sobre as relações entre raça e futebol amador em um município cearense. O quilombo do Batoque, que fica no município de Pacujá, tem na sua comunidade uma equipe de futebol amadora, batizada de Botafogo. Uma equipe quilombola que representa esse sujeito social que tem sofrido, mas também resistido, às mais distintas formas de preconceito citadas acima. A pobreza das famílias fica explícita nas casas de taipa, que são maioria no quilombo. A comunidade é praticamente toda habitada por pessoas negras, e por isso há um preconceito racial explícito contra os habitantes do quilombo, além da xenofobia que é alimentada pelos habitantes das cidades vizinhas. Toda essa carga de preconceito reflete diretamente na comunidade, e o time de futebol local é um dos canais para que os racistas possam atingir a comunidade com injúrias .

Em entrevista realizada para esta pesquisa com a historiadora e habitante de quilombo, Joselí Cordeiro, ela enfatiza essa relação com a população vizinha:

> Quanto ao ambiente hostil, o ambiente mais hostil que eu considero, que o time joga, é dentro da cidade (Pacujá). O Botafogo, já jogou em Sobral, em outras cidades vizinhas; Mucambo, Graça, mas Pacujá é o ambiente mais hostil que o time joga. Inclusive, por conta do processo histórico de rivalidade, que o pessoal do Pacujá, de uma cidade que notavelmente não é branca, mas

> tem um racismo muito intrínseco dentro dela. Então, assim, é muito complicado. Então, sempre foram 'Os negros do batoque', ai que o negro não é colocado não com a questão da cor da pele, mas associam a cor da pele há algo ruim. Essa rixa histórica com o pessoal da cidade ela se manifesta em vários espaços, mas principalmente no futebol que acaba sendo esse campo de batalha, quando se entende que tudo é permitido[20].

Como podemos observar, Joselí compreende que a relação com a cidade é opressora, e que uma parte dos habitantes de Pacujá não considera o quilombo como constituinte do município. Seria algo independente, e essa "independência" forçada não é motivo de orgulho. Porém, ela vê o futebol e o time da localidade com bons olhos e acredita que o mesmo serve como elo entre os quilombolas:

> O esporte, o Botafogo em si, ele teve um papel, uma forma de como a comunidade se impor, é assim que eu enxergo. Porque a partir do futebol, a comunidade começou a se impor para o público da cidade e as demais regiões, o futebol veio como um agregador, ele passou de ter essa função de lazer, digamos assim, e passou a conseguir respeito[21].

De acordo com a historiadora, isso traz uma nova discussão em relação ao sentido do futebol para a comunidade. Ela mostra outro lado, ou seja, o de que mesmo que os racistas de plantão se apropriem dos momentos de ação do Botafogo para despejarem suas injúrias contra a comunidade, a atuação do time é uma ferramenta de resistência e resiliência da comunidade. O futebol superaria uma condição de lazer e se transformaria em espaço e instrumento de luta.

Dessa forma, entendemos que o Botafogo do Batoque serve de exemplo vivo e prático de outra perspectiva sobre a articulação entre relações étnico-raciais e futebol no mais profundo solo brasileiro. Ele aponta para um futebol que está realmente presente em todas as camadas possíveis da sociedade e que também tem o poder de mudar de alterar sentidos e significados sociais. No caso do Botafogo, ele vive a ambiguidade de ser uma porta de entrada para o racismo, e ao mesmo tempo, ser uma ferramenta de combate desse mesmo racismo estrutural que assola os quilombos brasileiros até os dias atuais. Refletir detidamente sobre a experiência desse time é algo que pretendemos desenvolver posteriormente. Para este texto nos interessou principalmente apontar a impossibilidade de entender a paixão pelo futebol no Brasil

---

[20] Entrevista realizada com Joselí Cordeiro, em 15 fev. 2021.
[21] Entrevista realizada com Joselí Cordeiro, em 15.02. 2021.

sem compreender as relações étnico-raciais em que este esteve imerso desde a sua emergência no país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, buscamos historicizar os debates que buscaram compreender a relação entre o negro e o futebol no Brasil e como essa reflexão é fundamental no entendimento das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais do país. Buscamos tratar a origem do jogador negro nas equipes de futebol tradicionais do país, e toda a estrutura racial em que estiveram inseridos. Essa análise nos permitiu compreender como o racismo esteva inserido na sociedade brasileira do início do século XX, e quais as medidas que os negros desenvolveram para que pudessem praticar futebol no seu dia a dia.

Também foi revista a questão da teoria da “democracia racial” e o quão nociva ela foi para o agravamento dos problemas estruturais que envolviam a comunidade negra, contribuindo para o genocídio da imagem do negro no Brasil. Apesar disso, essa teoria também ajudou a propagar o futebol em praticamente todas as comunidades possíveis país afora, tornando o futebol o principal esporte do país.

Essas questões que surgiram no século XX ainda hoje são pautas importantíssimas nos ambientes que envolvem futebol no Brasil e no mundo. Desde o Botafogo do Batoque e seus problemas com a discriminação contra sua comunidade, até a seleção brasileira, que tem entre seus atletas, jogadores que mesmo sendo estrelas mundiais, continuam sendo alvos de injúrias raciais, como foi o caso do jogador Rodrygo Goes, que foi alvo de ataques racistas vindo da torcida argentina, na recente partida entre as duas seleções pelas eliminatórias da copa do mundo de 2026. Rodrygo joga no Real Madrid da Espanha, mesma equipe de Vinicius Júnior, outro atleta negro brasileiro que tem sido notícia no mundo inteiro, tanto pelo seu talento indiscutível, como pelas inúmeras manifestações racistas que tem sofrido de torcidas adversárias.

Figura 05 e 06: *Primeira: Vinicius Junior apontando para torcedor que lhe dirigiam atos racistas. Segunda: Um boneco com a camisa do Vinicius Júnior enforcado em ponte na cidade de Madrid.*



Fonte: Site Carta capital – Foto: José Jord an/AFP



Fonte: g1.globo – Foto: Reprodução @janaDahoui

Tanto Vinicius Júnior como Rodrygo Goes são hoje a representação clara de um racismo institucionalizado no mundo ocidental, principalmente, em países europeus, embora não exclusivamente nesse continente. A questão é que muitos países do mundo não mascaram sua posição favorável ou omissão em relação a atos de discriminação contra negros ou outros grupos étnicos. Essa afirmação é possível com base nos constantes atos racistas em ambientes esportivos e na falta de atitude de autoridades para puni-los, mostrando total conivência com suas atitudes abomináveis. Por outro lado temos um Brasil que se estrutura numa sociedade de comandantes brancos em todas as esferas possíveis de poder, inclusive no esporte, e que tem uma população de maioria negra concentrada nas esferas mais desfavorecidas da sociedade. Um Brasil que tem um racismo ainda mais perigoso porque aparece muitas vezes de forma velada, e que ao longo do tempo passou a ser, de certa forma, permissivo e camuflado. Dessa forma, pensar as relações entre o racismo e o futebol é entender dinâmicas do passado, mas também de questões urgentes do presente no nosso país e do mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

BENTO, M. A. S, **Branqueamento e branquitude no Brasil**. Disponível em: https://www.media.ceert.org.br/portal-3/pdf/publicacoes/branqueamento-e-branquitude-no-brasil.pdf. Acesso em: 10. Dez. 2022. P 1-30.

CORDEIRO, Joseli do Nascimento. **Comunidade quilombola de Batoque:** entre identidades e memórias, conta-se a história. 2016. 34 f**.** Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Estadual Vale da Acaraú. Sobral. 2016.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes.** São Paulo, Contracorrente, 2021, 888 págs.

FERREIRA, Jacilene Cruz. **A discriminação racial no futebol brasileiro.** 2020. 61 p. Trabakho de conclusão de curso. Universidade de Taubaté. São Paulo. 2020.

FILHO, Mário. **O negro no foot-ball brasileiro.** Rio de Janeiro: Irmão Pongetti Editores, 1947.

FREYRE, Gilberto. Foot-ball mulato. p.3. **Dário de Pernambuco.** Publicado em 17.06.1938.

FREYRE, Gilberto. **Interpretação do Brasil:** Aspectos da formação social brasileira como processo de amalgamento de raças e cultura. São Paulo, Companhia das letras. 2001. 370 p.

HELAL, Ronaldo**. 80 anos do artigo Foot-Ball Mulato de Gilberto Freyre:** a eficácia simbólica de um mito. Ludopédio, São Paulo, v. 112, n. 18, 2018.

LUCCAS, Nicolau Alexandre. **Futebol e torcidas:** um estudo psicanalítico sobre o vínculo social. 1998. Dissertação de mestrado. PUC – São Paulo. 1998.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro, processo de um racismo mascarado.** Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1978.

O NEGRO no futebol brasileiro. Direção de Gustavo Acioli. São Paulo: HBO Brasil, 2018. Disponível em: https://youtu.be/ETdOP7pajJ0

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual antirracista.** Companhia das letras: São Paulo. 2019. 136p.

RIGO, Luiz Carlos. **Filho, Mário:** o negro no foot-ball brasileiro. **Rio de Janeiro 1947L.** Revista de educação física da UFRGS. Porto Alegre, 1996.

TADEI, Emanuel Mariano. **A mestiçagem enquanto um dispositivo de poder e a constituição de nossa identidade nacional.** Plataforma digital Scielo. 2002. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S1414-98932002000400002.

Figura 01: Cruzeirinho de Novo Hamburgo, um dos times que participou da liga das canelas pretas. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/22/deportes/1574455123_874259.html

Figura 02: Leônidas da Silva e sua principal criação, a bicicleta, na Copa de 1938, na França. Disponíevel em: https://placar.com.br/esporte/leonidas-da-silva-100-anos-de-um-dos-gigantes-do-futebol/ .

REFERÊNCIAS IMAGENS

Figura O3: Juvenal (segundo da esq. para a dir.), Barbosa e Bigode (os dois últimos da direita) com o time de 1950. Disponível em: https://brasil.elpais.com/esportes/2020-07-16/condenados-pelo-maracanazo-absolvidos-pela-historia.html

Figura 04: Seleção brasileira campeã mundial de 1958, na Suécia. Disponível em: https://www.portaldosjornalistas.com.br/racismo-na-copa-de-1958-e-tema-em-live-de-estreia-do-portal-dos-jornalistas/

Figura 05: Vinicius Junior apontando para torcedor que lhe dirigiam atos racistas. Disponível em: https://www.cartacapital.com.br/esporte/vini-jr-presta-depoimento-sobre-caso-de-racismo-em-jogo-contra-o-valencia/

Figura 06: Um boneco com a camisa do Vinicius Júnior enforcado em ponte na cidade de Madrid. Disponível em: https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/01/26/boneco-com-camisa-de-vinicius-jr-aparece-enforcado-em-ponte-em-madri-jogador-espera-punicao-contra-crimes-de-odio-diz-representante.ghtml .